



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**COLEGIADO DO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL**

**ANA JÚLIA RIBAS SILVA**  
**DANIEL GUERREIRO ASSIS DA SILVA**

**UM CANTO DE NÓS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA**  
**SETEMBRO / 2016**

**ANA JÚLIA RIBAS SILVA  
DANIEL GUERREIRO ASSIS DA SILVA**

## **UM CANTO DE NÓS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à disciplina Projeto Experimental em Cinema e Audiovisual, ministrada pelo professor Eder Amaral, como requisito parcial de avaliação, para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Glauber Brito Lacerda  
Coorientadora: Virginia Maria Mendes Oliveira Coronago

**VITÓRIA DA CONQUISTA  
SETEMBRO / 2016**

**ANA JÚLIA RIBAS SILVA**  
**DANIEL GUERREIRO ASSIS DA SILVA**

## **UM CANTO DE NÓS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial de avaliação, para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Prof. Ms. Glauber Brito Lacerda  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

---

Prof. Dr. Éder Amaral e Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Kueyla Andrade Bittencourt  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Virginia Maria Mendes Oliveira Coronago  
Faculdade Independente do Nordeste

Dedicado ao grupo Vida Ativa.

Aos meus pais, Marleide Bastos Ribas e Júlio César dos Anjos Silva. Que me ensinaram a ter força de vontade e coragem. Foi com eles e por eles que compreendi que tudo é possível e que não existem limites para o amor.  
Por: Ana Júlia Ribas

Dedico esse trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram em minhas decisões, sempre me incentivaram a não desistir e fizeram tudo na medida do possível para me ajudar. Dedico a Ana Júlia que é a alma por trás desse trabalho; sem ela não traríamos ao mundo este documentário. A agradeço por todos os dias que mesmo estando sem paciência suportou meus momentos de estresse e se tornou o pilar pelo qual esse trabalho pode ser finalizado. A todos os meus amigos e conhecidos que fizeram parte da minha trajetória durante esses 4 anos em Vitória da Conquista agregando a mim conhecimento e histórias que foram parte da base de quem eu sou hoje. A todos vocês dedico esse trabalho, e meus sinceros agradecimentos.

Por: Daniel Guerreiro

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, ou qualquer que tenha sido a divindade que nos permitiu finalizar este trabalho, pois no decorrer dele um dos nossos computadores deu defeito duas vezes sendo a segunda sem volta. Gostaríamos de agradecer também a cada um dos professores de fora do curso, que nos acompanharam e nos passaram seus conhecimentos. Foram eles: Nubia Regina, Chico Cardoso, Hallyson Dias, Itamar Pereira de Aguiar, Ronei Guaresi, Cristiane Dall Cortivo e Rogerio Soares Mascarenhas.

Agradecemos também aos nossos colegas de curso: Anderson Prado, Anderson Cleiton, Rayane Teles, Rafael Oliveira, Yasmin Rocha, Alvaro Menezes, Lan Moraes, Joadson Mulkannizzer, Matheus Viera Pinho, Keity Emanuelle, Deoveki Silva, e a tantos outros que nos ajudaram e estiveram conosco durante esse tempo de curso. Nossos mais profundos agradecimentos a cada um dos professores que fizeram e fazem parte do colegiado de cinema. A cada um devemos muito: Cristiano Canguçu por nos ensinar a parte teórica com organização e maestria. Rogério Luiz com seu jeito entusiasmado nos mostrando os pequenos detalhes que tornam a fotografia à arte de desenhar com luz. Glauber Lacerda por usar suas "fuleragens" como método de ensino, isso tornou as aulas mais didáticas. Milene Gusmão que mesmo em alguns momentos de rigidez sempre procurou nos ensinar o conhecimento que seria necessário para nossa base enquanto bacharéis em cinema. Macelle Khouri por sua delicadeza ao nos ouvir e ajudar tal qual faria uma mãe. Adriana Amorim por sua personalidade forte e inquietante que veio para nos tirar do lugar de espectadores e nos incentivou a sermos realizadores. Paulo Alcântara com sua energia singular ao dar aula, claramente nos mostrou amor ao que faz. E mesmo depois que "partiste" para outra universidade, deixou grandes lições para nós. Mônica Medina por sua vontade de produzir tudo ao seu alcance para o curso. Aline de Caldas que teve breve passagem, mas nos mostrou que TCC não é um "bicho" de sete cabeças. Filipe Brito por suas brincadeiras infames e seu conhecimento na prática da produção que será essencial para nossa carreira enquanto realizadores. A Renato Fernandes que mesmo não sendo professor, nos cedeu seu tempo para nos ensinar e tirar nossas dúvidas sobre os programas, e equipamentos do curso. Eder Amaral por nos trazer a paz de que precisávamos para terminar esse trabalho; pelos ótimos beijos e pelos conselhos. E finalmente obrigado a Marcio Vênancio por ser o nosso

professor que mais pareceu um irmão mais velho que gosta de "sacanear" o irmão mais novo, mas sempre preocupado com o melhor para o nosso futuro. Obrigado por todas as noites em claro, passadas fazendo trabalhos de "asiático" e por ter nos preparado minimamente para o mercado de trabalho enquanto professor prático. Muito obrigado ao nosso orientador Glauber Lacerda e a nossa coorientadora Virginia Coronago.

*As forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão as suas doenças.*

*Hipócrates*

## RESUMO

Esse trabalho tem como intuito dar voz aos idosos do grupo *Vida Ativa*. Mostrando os efeitos benéficos das práticas coletivas e da música para pessoas da terceira idade. Sendo que as conclusões partiram do nosso ato de observar e registrar essas pessoas, o produto final se tornou por si só um documentário etnográfico. Apropriamo-nos dos métodos de pesquisa etnográficos para observar e estruturar nosso produto final por conta da metamorfose sofrida durante o processo de entrevistas prévias onde nosso intuito era falar de musicoterapia, mas nossos entrevistados sempre nos conduziam para os efeitos do grupo. Assim decidimos que seria muito mais interessante seguir o rumo para onde o núcleo de observação nos levou, do que buscar outros lugares para seguir a linha original da pesquisa.

**Palavras-chave: Documentário – Grupo – Etnografia – Musicoterapia - Idosos**

## ABSTRACT

This paper aims to give voice to the elderly from the group *Vida Ativa*, presenting the benefic effects due to the collective practices and music to older people. The conclusions came from observation and recording of these people and the final result became an ethnographic documentary. We employed the ethnographic research methods to observe and organize our final product thanks to the metamorphosis occurred during the previous interviews, in which, our intention was to discuss music therapy, but our interviewees led us to investigate the effects of the group practices. Therefore, we decided that it would be of greater interest to follow the direction shown by the participants than to pursue other places to maintain the original research line.

**Key words: Documentary – Group – Ethnography – Music therapy - elderly**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Encontro do grupo Vida Ativa.....	21
<b>Figura 2</b> – Ilustração do esquema de iluminação.....	42
<b>Figura 3</b> – Tratamento de cor antes e depois.....	46

## LISTA DE TABELAS

1 – Funções e equipe.....	34
2 – Cronograma dos horários e datas de filmagens.....	36

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. DA MUSICOTERAPIA AO GRUPO.....	17
1.1 Tema escolhido.....	17
1.2 Relato de campo.....	18
1.3 Forma de pesquisa.....	19
1.4 Efeito grupo.....	21
1.5 Idosos e depressão.....	23
2. DISPOSITIVO PARA O PRODUTO.....	25
2.1 Documentário.....	25
2.2 Por que documentário etnográfico.....	26
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	29
3.1 Pré-produção.....	29
3.2 Produção.....	33
3.3 Direção.....	36
3.4 Fotografia e som direto.....	41
3.5 Edição e montagem.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	51
Anexo A.....	51
FILMOGRAFIA.....	53

## INTRODUÇÃO

Escolhemos como trabalho de conclusão um documentário que mostre os efeitos de uma terapia alternativa, no caso a musicoterapia. Nos interessou conhecer os efeitos destas práticas na vida de pessoas com doenças degenerativas.

Nosso interesse pelo tema foi mútuo ao passo que os efeitos da música no ser humano e a forma que a mente e o corpo reagem a esses estímulos musicais despertaram-nos uma análise e produção acadêmica.

Desde a antiguidade, a música e a medicina estiveram estreitamente vinculadas, permeando diferentes culturas e gerações. A utilização da música para combater enfermidades vem de épocas longínquas. Os primeiros relatos escritos foram encontrados nos papiros médicos egípcios pelo antropólogo inglês Flandres Petrie, em Kahun, por volta de 1899, papiros esses datados de cerca de 1550 a.C e que atribuíam à música influência sobre a fertilidade da mulher (MOÇO, 2006 apud CORONAGO, 2007, p. 64-5). Há também registros sobre a terapêutica musical realizada por Davi, com sua harpa, para aliviar o rei Saul da depressão (Segundo a Bíblia: I Samuel C AP VI versículo 23) (LEINIG, 1997 apud CORONAGO, ibidem).

Mesmo existindo dados que constem utilização da musicoterapia a milhares de anos, hoje ela ainda é tratada como uma terapia *alternativa*. Por isso conseguir referencial teórico acerca desse assunto no Brasil é árduo: os livros são poucos e a maioria deles só conta com relatos empíricos da prática. Partindo dessas premissas realizamos as leituras disponíveis sobre o assunto pois, apesar do interesse, não poderíamos sair para filmar sem nenhum conhecimento prévio mais profundo sobre o tema. Como referencial básico do tema, nós usamos os livros *Musicoterapia, uma visão geral* da autora Ana Léa Von Baranow; *Música e Saúde* que foi organizado por Even Ruud, e *Cuidar de pessoas e música: uma visão multiprofissional*, da autora Eliseth Ribeiro Leão. Com exceção do primeiro livro, os outros são basicamente formados por relatos empíricos dos resultados da musicoterapia em pessoas. Enquanto o primeiro é um livro básico somente para introduzir – de forma rasa e didática – os conhecimentos acerca dessa prática, são poucos difundidos. De resto nos sobram alguns artigos e teses para usar como fonte de conhecimento acerca do assunto. Entre estes trabalhos, aquele que nos

pareceu mais pertinente ao nosso estudo foi a dissertação de mestrado de Virginia Maria Mendes Oliveira Coronago, "*Papagaio véio não aprende a falá!?*": um ensaio polifônico sobre os significados das vivências musicais em grupo de idosos portadores de doença de Parkinson. Foi por meio dela que encontramos e tivemos contato com o grupo ideal para o estudo. Os idosos do grupo *Vida Ativa* são pessoas com diversas patologias – geralmente decorrentes da idade avançada – que são tratados com o auxílio da música. Uma vez que, a musicoterapia pode ser aplicada tanto individualmente quanto coletivamente, tendo nosso foco voltado ao grupo, que se utiliza da terapia grupal. As "vivências musicoterápicas" – termo citado no livro *Musicoterapia, uma visão geral*, da autora Ana Léa Von Baranow, para generalizar os encontros realizados por grupos – diferem das práticas individuais. Buscando a união e interação social de pessoas que se assemelhem em suas necessidades, formando prioritariamente grupos com indivíduos que partilham uma mesma condição existencial.

Dando prosseguimento com nossa pesquisa de campo no intuito de explicitar com a ajuda do documentário as práticas e resultados da musicoterapia. Fomos surpreendidos por nossos entrevistados não atenderem às nossas expectativas do ponto de vista do efeito da música em suas vidas. Foi então onde percebemos que a melhor decisão era seguir o desdobramento das falas de cada pessoa entrevistada, por vezes desviando dos caminhos predefinidos em nossos estudos. Desse momento em diante, nosso produto passou a ter uma vida que nos foge ao alcance. E com isso passamos a perceber que o documentário, antes de ser um produto a ser realizado, é um processo a ser experimentado.

# 1. DA MUSICOTERAPIA AO EFEITO GRUPO

## 1.1 Tema escolhido

A palavra música tem por etimologia grega, *mousikè*. A *mousikè* era relacionada ao aprendizado, estava ligada, por exemplo, aos estudos de medicina, ética, religião e filosofia. O desenvolvimento da Grécia antiga foi paralelo ao da música, despertando assim o interesse de estudo desse tema por parte de filósofos antigos e modernos, de Aristóteles a Nietzsche (PIAZZETTA, 2010). Existe na mitologia grega uma participação significativa da música, atuando como elemento catalizador de questões existenciais. Para Aristóteles, a música permitia a catarse e tinha poder de cura por promover o contato com sentimentos e, através disso, proporcionar um aprendizado sobre as emoções. O efeito ético e estético que a música deflagra nos ouvintes os permitiria, segundo Aristóteles, emular os afetos e sentimentos úteis para a vida. Platão ressaltava o poder educativo da música mas, ao contrário do que defende Aristóteles – sobre a catarse poder modificar o ser –, aquele pensava que a representação (através da música) não poderia gerar uma educação funcional, já que no plano inteligível não haveria acesso direto à verdade. A sociedade grega foi constituída com as bases da filosofia que defende a arte uma dimensão da vida prática. Essa cultura passou por transformações temporais sofreu uma modificação relacionada aos significados preestabelecidos. Posteriormente Nietzsche reavalia o sentido da tragédia entre os gregos, para ressaltar a importância ética da arte, esforço a partir do qual o filósofo destacará a importância da música para a afirmação do espírito livre (NIETZSCHE, 1992). Ele é o autor da célebre frase “a arte existe para que a realidade não nos destrua”, e esta nos faz pensar sobre a capacidade artística inerente a todos os seres.

O uso da musicoterapia como uma alternativa viável à cura de doenças, pode fazer com que seja reavaliada a cultura da nossa medicina, calcada na venda de fármacos e cirurgias, que no limite, alteram a fisiologia do corpo humano, por vezes de forma não benéfica. O questionamento e a busca por métodos menos invasivos está se propagando ao redor do mundo, pois

em sua maioria os métodos diferentes dos usuais alinham a cura a qualidade de vida. A musicoterapia pode auxiliar o indivíduo de forma grupal e individual, e ser motor curativo para reabilitação física, mental e social.

## 1.2 Relato de campo

Por ser uma prática pouco utilizada principalmente em cidades do interior, tivemos dificuldade em encontrar pessoas com formação acadêmica na área para que pudéssemos entrevistar. A única clínica que tivemos notícia mais acessível foi em Eunápolis/BA, onde a profissional formada na área atua em uma clínica que agora é exclusivamente dedicada a tratar com musicoterapia crianças com adversidades, como autismo. Em Vitória da Conquista/BA o grupo de Cantoterapia *Vida Ativa* faz parte do projeto da Pró-reitoria de Extensão PROEX e da Coordenação de Cultura ambos da UESB - Universidade Estadual do Oeste da Bahia. Seu intuito é tratar com música e outras artes, idosos com as mais diversas patologias. A cantoterapia busca incentivar nos indivíduos através do canto as emancipações e/ou benefícios das vicissitudes que os afligem, já a musicoterapia se utiliza de todos os elementos do universo musical, como ritmo a melodia e harmonia. Se apropriando também das expressões corporais, como a dança. Além disso, a musicoterapia pode ser aplicada de maneira receptiva, onde os indivíduos exercitam o ato de escutar músicas, e o ativo no qual as pessoas realizam o canto, a dança e as expressões corporais junto com o musicoterapeuta. Os entrevistados definem o grupo com cantoterapia, porém nas observações, pude notar aspectos da musicoterapia, com a dança. A pessoa à frente deste projeto é a professora Dr<sup>a</sup> Virginia Maria Mendes de Oliveira Coronago, que possui formação em música e especialização em musicoterapia. Por esse grupo ter seus encontros na cidade em que moramos, buscamos dar maior foco a ele. Além disso, havia também a dificuldade de gravar entrevistas com as crianças da clínica de Eunápolis/BA. Com isso buscamos entender melhor a musicoterapia coletiva, adotada por Virginia Coronago em seu grupo. Ela tem não só a música como aliada em suas sessões, mas também a dança, o canto, além de declamações poéticas. Virginia Coronago busca ajudar cada

membro do grupo usando também a força do coletivo, pois com essas apresentações ela acaba trabalhando também a autoestima de cada um deles. Como sugere Ana Léa Von Baranow em seu livro:

Para se atingir os objetivos propostos num tratamento musicoterápico podem fazer parte de uma sessão de musicoterapia: a expressão corporal, a dança, os jogos dramáticos, técnicas de relaxamento, trabalho com a respiração, psicomotricidade, o ritmo da linguagem e algumas técnicas de educação musical, mas sempre com finalidade musicoterapêutica (BARANOW, 1999, p. 42).

Um problema observado nesse tema é a aplicação social de uma terapia alternativa, pois a utilização da música para tratamento médico não tem credibilidade com o grande público, que ignora, por vezes, o conhecimento teórico e prático de suas funções. Comumente, a música é conhecida como produto de entretenimento, mas a sua função terapêutica (física e mental) não é promovida a massa em geral. Além disso, a escolha por métodos alternativos não é incentivada e estudos que colaborem para a eficácia desses meios não são financiados, mesmo nos dias de hoje. Segundo Steven Bratman os estudos científicos relacionados a essas terapias são pouco rigorosos por uma simples razão: são caros, e os remédios da medicina ortodoxa são amparados por empresas farmacêuticas interessadas em vender medicamentos, com potencial não raro em desenvolver dependência aos seus usuários, fazendo com que o mercado dos fármacos seja sempre rentável. Assim, nosso intuito é observar e registrar, por meio do dispositivo documentário, quais os possíveis efeitos da prática musicoterápica.

### **1.3 Forma de pesquisa**

Para dar início à pesquisa de campo precisávamos decidir que forma de investigação nós usaríamos. A que mais nos interessou foi a pesquisa antropológica seguindo pela vertente da etnografia.

A etnografia é ao mesmo tempo um tipo de investigação e um gênero de escritura que se desenvolveu na tradição antropológica.



Mas ela surge de fato com outras tradições e experiências, sobretudo os relatos de viagem – dos diversos indivíduos, ilustres ou não, que por diferentes motivos se encontravam em situação de distanciamento geográfico e cultural. (CAIAFA, 2007, p. 135)

Em seu livro *Aventura das Cidades*, Janice Caifa nos mostra as diferenças entre antropologia e etnografia, essa última prática pode ser utilizada por qualquer tipo de pesquisador. Diferente da antropologia que depende de uma carga teórica diferente, enquanto a etnografia pode ser executada tendo em mente o ponto de vista do observador. Por exemplo: No nosso caso o trabalho etnográfico foi totalmente pensado do ponto de vista audiovisual, pois ao contrário da tradicional forma de escrita etnográfica que é feita no papel, nossa moldura será um produto fílmico. Logo nossa observação buscava encontrar personagens que nos causassem curiosidade acerca de suas histórias. Como nesse momento nós ainda tínhamos a pretensão de fazer um documentário com foco em musicoterapia, nossos olhos estavam atentos àqueles que mais se destacavam, seja na hora de cantar, dançar e até mesmo na hora de falar, pois sabemos o quanto a câmera em sua grande maioria inibe o entrevistado e para o nosso documentário é vital que cada personagem seja o mais desinibido possível, pois optamos por dar voz somente a eles. O que está em jogo até esse momento, é como cada um percebe o efeito da música em sua vida.

Foi com Malinowski, portanto, que a pesquisa etnográfica se estabeleceu como uma atividade de trabalho de campo intensivo numa certa área específica e envolvendo a experiência pessoal do etnógrafo. (CAIFA, 2007, p. 136)

Por essa ótica de usarmos nossa experiência pessoal, ao qual decidimos não dar voz à profissionais da área no documentário, como de costume acontece em trabalhos do gênero, pois para nós é de alto valor que o espectador observe os resultados mostrados pelos próprios integrantes do grupo.

## 1.4 Efeito-grupo

Por mais que nosso intuito fosse selecionar apenas alguns dos integrantes do grupo *Vida Ativa*, nós tínhamos que observar o grupo como um todo, pois aos poucos começamos a ter a impressão de que em suas falas, o que mais importava era o fato do grupo estar reunido e abaixo disso viriam as práticas em si. É como se a terapia ficasse em segundo plano agindo de forma quase que subconsciente.

Há certas afirmações sobre o que é um grupo que, em que pese as diferenças teóricas e metodológicas, parecem haver-se consagrado no campo grupalista—"um grupo é mais que a soma de indivíduos que o compõe"; "um grupo é um campo de relações interpessoais"; "um grupo é um sistema de relações que se estrutura exteriormente aos sujeitos que o compõem"; "um grupo é um conjunto de pessoas ligadas entre si por constante de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna" (BARROS, 1994, p. 146).

Uma característica de destaque do grupo *Vida Ativa* é que diferente da maioria dos grupos de mesmo cunho, os próprios integrantes são os que cantam e gerenciam o grupo na medida do possível, com quase total autonomia. Segundo a coordenadora, isso se dá, para que seja trabalhada a autoestima dos membros.



Figura 1 Foto de Daniel Guerreiro

Enquanto conversávamos com eles percebemos que o efeito do grupo, sutilmente tinha seu valor equiparado ou acima da terapia musical. Talvez isso seja porque eles vêm até o grupo com o intuito de se divertir e não propriamente se tratar. Óbvio que isso não é decorrente em todas as falas, mas a impressão geral que tivemos foi que a cura se dá em segundo plano. Pois eles mesmos sentem melhoras em relação às suas patologias depois de frequentarem as reuniões, e segundo o relato de um dos membros assíduos, o médico que o acompanhava por conta de sua depressão disse que um dos motivos da rápida recuperação em comparação a outros casos que ele tratava, foi por conta da participação nos grupos. Enfatizando ainda que o ideal para o paciente em questão é que ele continue frequentando as reuniões como forma de prevenção.

Com isso observamos que os grupos são de vital importância na vida dessas pessoas que já chegaram a sua terceira idade. A maioria deles participa de mais de um grupo na cidade, mas segundo eles, a maior assiduidade é em musicoterapia. Com isso observamos que o efeito musical das práticas no grupo *Vida Ativa*, os atrai muito mais do que as demais atividades de recreação que ocorrem nos demais grupos. Acreditamos que esse seja um indício do benefício musical, pois eles buscam frequentar o grupo, o máximo de vezes possível. E com isso mostravam um semblante mais alegre ao final de cada encontro.

Observamos também que como em todo grupo esse também comporta um plural de personalidades distintas e que já estão consolidadas pelo tempo de convivência. Portanto imergir no núcleo desse grupo causou desconfiança em alguns. Mesmo que poucos casos, ainda tivemos quem se negou a nos ceder entrevistas, ou tirar fotos. A câmera é um objeto bastante ameaçador e inibidor para quem geralmente quer ser discreto como é o caso de alguns, diante disso que essas barreiras foram levantadas. A partir desse momento nós conseguimos traçar mais ou menos um perfil do grupo, onde passamos a interagir com aqueles que estavam na maior parte do tempo a frente das apresentações.

Mesmo com o grupo representando uma unidade maior. Por questões lógicas nós não poderíamos entrevistar todos. E nossa escolha foi selecionar aqueles que conseguissem representar o grupo da forma mais clara possível.

## 1.5 Idosos e depressão

Uma das razões para muitos dos idosos procurarem o grupo é a depressão. A sociedade acaba por considerar esse período da vida como algo triste. Eu Ana Júlia Ribas<sup>1</sup> que isso se é pensando por situações como: aproximação da morte, surgimento de doenças pertinentes a idade, a solidão que muitos sofrem, pelo abandono familiar que muitos passam e das limitações físicas que surgem com o tempo. Idosos que moram em lares para terceira idade tendem a ter duas vezes mais propensão a terem depressão, segundo Andrew Solomon no seu livro *O demônio do meio dia uma anatomia da depressão*. Uma das nossas entrevistadas relatou que tinha muita piedade de um parente – que os filhos – tinha colocado numa casa de apoio, pois ninguém o visitava.

Além disso, fatores como a baixa do nível de serotonina no corpo, interferem diretamente no psicológico dessas pessoas. Segundo Andrew Solomon:

Naturalmente, o corpo nesse estágio da vida passa por muitas mudanças metabólicas e muitos reequilíbrios químicos, e, assim, a diminuição dos níveis de neurotransmissores não tem o mesmo efeito imediato (tanto quanto sabemos) que teria em uma pessoa mais jovem cujos níveis de serotonina fossem subitamente reduzidos a metade. (SOLOMON, 2001, p. 181).

Além de a sociedade enxergar de forma negativa e fatores químicos influírem, os idosos tendem então a ser depressivos. Isso faz com que o papel de grupos como esses sejam de importância vital para a qualidade de vida dos idosos.

Os períodos da vida que mais necessitamos de cuidado são a infância e a velhice, o ser humano adulto sabe o que é ser criança mais não sabe o que é ser idoso. Isso pode explicar o descaso, boa parte das pessoas temem o desconhecido e não se propõe a desvendá-los.

A vertente social no grupo é extremamente forte, sempre são frisados temas como a saúde do idoso, os direitos atribuídos por lei aos mesmos, e os

---

<sup>1</sup> No intuito de identificar as passagens do texto referentes às contribuições individuais dos realizadores, utilizaremos, entre parênteses, seus nomes completos – na primeira ocorrência – e, nas posteriores, apenas as iniciais.

cuidados que os familiares devem ter em seus lares. Esses bate-papos associados aos cantos, à leitura de poesias, à dança e o encontro com seus pares. Fazem do grupo um ambiente muito harmonioso e propenso a curar a melancolia, além de ser um importante instrumento de luta contra uma sociedade que pode vir a reprimi-los.

## 2 DISPOSITIVO PARA O PRODUTO

### 2.1 Documentário

Como citado anteriormente, o dispositivo pelo qual nossa pesquisa será registrada é o documentário. Mas do que se trata exatamente esse gênero?

Gênero que nasceu juntamente com o cinema, e porque não dizer que esse foi o primeiro gênero usado antes de qualquer ficção. Pois os primeiros registros fílmicos dos irmãos Lumière não passavam de cenas reais do cotidiano. Assim a primeira forma do cinema foi documental, posteriormente que a nova tecnologia da época foi usada para produzir ficções.

Nos primeiros dez anos do cinema, a preferência pelas atualidades era especialmente notável entre a burguesia "ilustrada". Esta escolha pode ser em parte explicada pela rusticidade narrativa das tentativas pioneiras de ficção neste cinema das origens. Mas, deveu-se também a uma ideologia documental que tinha raízes já bem estabelecidas quando o cinematógrafo surgiu. Ideologia por certo associada ao espírito científico do positivismo reinante no final do século XIX e que adotou a fotografia como um meio privilegiado de inscrição das "verdades do mundo" (DA-RIN, 2004, p. 16).

Dada a fala acima de Sivio Da-Rin em seu livro *Espelho partido*, podemos concluir que o gênero documentário também pode servir como ferramenta de registro, tanto quanto fotografias e relatos escritos. Nos primórdios o que se tinha era um protótipo do que temos hoje por documentário, pois ainda era muito cedo para pensamentos sobre a complexidade e o universo que a recém chegada sétima arte poderia oferecer. Contudo, anos depois as reflexões acerca dos gêneros de filme foram se tornando mais frequentes e a questão da ficção e do documentário também não passaram em branco.

Para Flaherty e Grierson, a relação documentário X ficção resolvia-se em termos simples: o documentarista deveria filmar "a cena viva e a história viva"; e não a história imaginada e encenada por atores profissionais (DA-RIN, 2004, p. 130).

Da-Rin ainda relata que logo depois que o cinema passou a ter som, o documentário ganhou mais força, isso porque um dos elementos vitais para o

documentário como conhecemos hoje é a existência de som direto em sua composição. Antes desse advento os filmes eram exibidos com letreiros ou com uma pessoa responsável por comentar aquela obra enquanto era exibida. O que nos remete ao tempo das lanternas mágicas onde as figuras eram projetadas e alguma história era contada acerca das imagens.

A lógica informativa que preside o documentário costuma resultar em uma estrutura do tipo problema-solução, que baliza toda a organização do material. Uma característica distintiva do discurso do documentário é a prevalência da palavra falada como suporte de informações (Da-Rin, 2004, p. 142).

Em nosso caso a estrutura problema-solução se faz presente de forma sutil, pois nosso objetivo inicial era demonstrar de forma clara se a musicoterapia tem ou não demonstrado efeitos positivos naqueles que a praticam, porém esse questionamento vão ficando quase que em segundo plano, talvez por falta de uma voz guia como de um profissional da área. Entretanto a nosso ver não tirou a forma da obra enquanto moldura de apresentação e representação da voz do paciente. Para nós, importa muito mais a força da fala de cada um dos idosos que relatam suas experiências empíricas com o tratamento, do que puramente uma “voz da verdade” que geralmente vemos em documentários clássicos onde o poder maior está na mão do narrador que geralmente é algum especialista.

## **2.2 Porque documentário etnográfico**

Vários motivos nos levaram a escolher o documentário como gênero do nosso filme. Um deles foi a limitação técnica; além de não dispormos de orçamento para uma produção mais elaborada de um produto audiovisual e/ou apoio de algum patrocinador, para nós universitários desconhecidos, isso acaba saindo caro. Além do mais uma ficção necessita de atores sendo dirigidos de forma específica e outras problemáticas como figurinos, cenografia, cenários minimamente elaborados e mais uma infinidade de itens. Enquanto um documentário depende basicamente de uma câmera e personagens para serem entrevistados. Mesmo assim não quer dizer que isso

seja tão simples, pois precisamos descobrir personagens em um determinado núcleo e estudá-los usando de observação e interação para que possamos descobrir traços e deixá-los à vontade para extrairmos o máximo das informações que almejamos de cada um. Um exemplo de cuidado para começar a gravar um documentário, podemos citar e observar o clássico filme de Flaherty.

Nanook of the North é o resultado de mais de dez anos de contatos do explorador norte-americano Robert Flaherty com os Inuík que habitavam a região da Baía de Hudson, no norte do Canadá. Antes de partir para a sua terceira expedição à área, em 1913, Flaherty foi persuadido por seu financiador, o construtor de ferrovias William Mackenzie, a levar consigo uma câmera de filmar. Um curso básico de fotografia em Rochester, EUA, permitiu a Flaherty registrar abundante material descritivo sobre os hábitos cotidianos dos esquimós, nas expedições que fez até 1916 (Da-Rin, 2004, p. 28).

Apesar de contar somente com a câmera como meio de registro fílmico, Flaherty usou bastante tempo com pesquisa de campo e interação com o grupo. Mesmo posteriormente perdendo boa parte do filme por conta de um incêndio, ele conseguiu voltar para refazer as filmagens, e o produto final foi aclamado pelo público de sua época como um filme único em sua classe.

No nosso caso a etnografia e documentário passaram a andar de mãos dadas, contribuindo a nosso favor, a partir do momento em que decidimos observar um grupo no intuito de selecionar alguns integrantes para capturar registros de suas casas e não somente uma entrevista em um estúdio.

Passamos também a assistir documentários para observar a estética e a narrativa, para podermos desenvolver um caminho que melhor acolheria o nosso filme. Entre vários documentários assistimos *Moscou* de Eduardo Coutinho, e foi interessante ver a forma que eram captadas as imagens do grupo de atores. Isso nos fez imaginar por quais enquadramentos colheríamos os insertes das casas dos nossos personagens. *Alive inside* do diretor Michael Rossato-Bennett também nos ajudou a pensar sobre como gostaríamos da atmosfera do nosso filme, chegamos até a pensar em ter algum músico tocando ao vivo, a música favorita de cada um dos entrevistados para captarmos suas reações, mas infelizmente por limitações técnicas e mudança do tema, isso não foi possível.

Outro documentário que serviu bastante como inspiração, principalmente para a montagem foi *Santiago*, um filme de João Moreira Salles. Os planos e enquadramentos daquele mordomo dando entrevista se tornaram o meio pelo qual usaríamos como referência para caminharmos no seguimento da montagem.

Um documentário que tem um cunho etnográfico como esse que estávamos produzindo, também nos dá espaço para usar nossas próprias experiências pessoais, e com essa ideia em mente decidimos usar a voz *off* de (AJR), que produziu e dirigiu o filme.

Mais recentemente, documentários ligados à chamada produção subjetiva ou performática, que tematizam aspectos da experiência pessoal dos cineastas, reintroduziram a narração em *off* de forma inovadora no Brasil, deslocando os usos clássicos desse recurso no campo documental. Filmes como *Seams* (1997), de Karin Ainouz, 33(2003), de Kiko Goifman e *Santiago: uma reflexão sobre o material bruto* (2007), de João Moreira Salles são exemplares de um uso mais ensaístico da voz *off*, fabricando associações inauditas do espaço sonoro do cinema com o espaço visual (LINS, 2008, p. 132).

Nos apropriamos da ideia de Consuelo Lins sobre a tematização da experiência pessoal do pesquisador usando um relato pessoal. Com o auxílio do elemento voz *off*, nós conseguimos amarrar o seguimento da narrativa.

### 3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

#### 3.1 Pré-produção

Podemos dizer que nosso processo de pré-produção se iniciou, quando começamos a pesquisa pelo tema, já com o intuito de fazer um filme. Mas os processos que ocorreram durante a realização da obra se estendem, explicitaremos os mesmos em ordem cronológica a partir de agora.

Depois que terminarmos o estudo sobre o assunto em questão, sendo que, no primeiro momento o foco era somente sobre os efeitos do tratamento da musicoterapia. Partimos a campo em busca de profissionais da área e indivíduos praticantes da terapia, para que pudéssemos coletar algumas entrevistas. Como dito anteriormente encontramos uma profissional atuante em uma clínica localizada numa cidade da região, além do grupo de idosos que vivenciava a terapia na nossa respectiva cidade. Até então tínhamos dois bons materiais para gravarmos e fazermos um paralelo entre as vertentes das práticas musicoterapêuticas, já que uma aplica a metodologia clínica onde geralmente atendem os indivíduos unitariamente, enquanto o grupo se une e se trata coletivamente. Um ponto interessante é a grande dificuldade que se tem de achar pessoas com formação acadêmica ou praticantes na área no interior da Bahia.

Nosso contato prévio com as profissionais foi essencial para nossa melhor percepção acerca do assunto. Mesmo com nossas pesquisas, a ajuda delas nos guiou a perfis que nos serviriam melhor.

Com a direção da pesquisa encaminhada nós visitamos o grupo *Vida Ativa*, em uma reunião com a coordenadora selecionamos os possíveis candidatos as entrevistas. Após esse processo, seguimos para entrar em contato com cada um dos selecionados para marcarmos uma entrevista prévia em suas casas. Somente com o auxílio do próprio celular como gravador nós registramos o que chamaremos de pré-entrevista, levamos o questionário que Virginia Coronago utilizou em sua tese de mestrado e introduzimos nele perguntas que achamos interessantes. Escolhemos não usar a câmera nesse primeiro momento para não deixa-los inibidos, pois no

primeiro contato é essencial que eles se sintam a vontade conosco para que possamos obter o máximo de informações.

Sobre os equipamentos que precisaríamos para gravar, decidimos adquirir o máximo possível dentro de nossos limites, já que nosso curso que dispõe de alguns equipamentos, não pode disponibiliza-los para os alunos sem a supervisão de um professor e conseguir o acompanhamento de um é difícil por conta dos próprios disporem de pouco tempo livre. Sendo assim todo equipamento que conseguimos adquirir do próprio bolso foram: uma câmera DSLR Canon de modelo T5i, um cartão de memória de 32 gigas classe 10 que é necessário para filmar, pois um de classe inferior só permite que a câmera tire fotos por conta da baixa velocidade de gravação – isso automaticamente suspende a opção de vídeo da câmera –, um tripé simples de 1,56 metros e uma lente de 50mm que tem a abertura do diafragma de 1.8, isso permite que mais luz passe da lente para o sensor da câmera possibilitando que filmemos com condições de pouca luz e sem o auxílio de refletores, gravar cenas internas sem o auxílio de luz artificial não é o recomendado mas, esses eram os equipamentos que tínhamos a nosso dispor. Por conta de termos somente a lente 18-55mm no dia da gravação da festa junina do grupo, que se passou em um local fechado, algumas imagens saíram escuras, pois já era fim de tarde e não tínhamos iluminação adequada. Podíamos apenas fazer os *inserts* (imagens que geralmente são planos detalhes usados para compor e dar ritmo ao filme) com a nossa câmera, pois, a mesma é limitada a um tempo de gravação que dura por volta de 15 minutos. Após esse período, ela desliga por conta do superaquecimento. Isso torna inviável a gravação contínua de uma entrevista onde a fala média de um entrevistado ultrapassa esse tempo. A outra parte dos equipamentos conseguimos através do empréstimo com alguns colegas de curso. Entre eles, um difusor de luz que exerce o papel de suavizar a luz direta, que geralmente se direciona aos entrevistados. E por fim um fone de ouvido mediano para minimamente abafar o som externo, auxiliando assim a pessoa que está captando o som direto da entrevista. Somente para adquirir a câmera, lente, tripé e cartão, gastamos cerca de R\$3.100, todo o nosso gasto entre equipamentos, alimentação e transporte para os locais de entrevista estima-se que giraram em torno de R\$3.300. Quantia essa, que poderia ser

minimizada com a liberação de equipamentos para os alunos. Fato esse que poderia se dar com a instauração de um profissional responsável somente para ir a campo acompanhar a filmagem com os alunos, como acontece em outras universidades com equipamentos desse tipo.

Escolhemos deixar a viagem de Eunapolis/BA para o final do cronograma, pois não tivemos autorização para filmar no local, por conta, dos indivíduos serem em sua maioria crianças com autismo. Portanto só poderíamos colher a entrevista da profissional. Imaginamos que a fala dela entraria nesse primeiro momento como a voz que esclareceria o público sobre o assunto e sobre as aplicações da terapia em clínica. Ainda na reunião com Virginia Coronago chegamos ao consenso que uma média de 8 a 10 idosos entrevistados seria ideal, e para selecionar quais seriam esses 10, definimos as características dos mesmos para compor e dar a desenvoltura para o filme. Foram elas: fluência verbal, disponibilidade e tempo de permanência no grupo. Com essas características Virginia Coronago nos deu sugestões dos indivíduos que segundo ela melhor se adequavam as características apresentadas. Assim, fomos realizar as pré-entrevistas que serviriam não só para deixa-los mais a vontade como dito anteriormente, mas também para procuramos fazer uma identidade sonora musical. Basicamente essa identificação se constitui em perguntar a cada um sobre as músicas que marcaram a sua infância ou músicas que compuseram algum momento marcante das suas vidas como o casamento, festas de aniversários, etc.

No filme *Alive inside* eles utilizam desse meio para estimular idosos com doenças degenerativas. Eles buscavam com os parentes as informações das músicas marcantes da vida das pessoas em tratamento, para então dar a eles as mesmas para eles escutarem. Enquanto a equipe registra o momento. As reações são diversas, permeiam entre o choro e o riso. Um dos casos mais interessantes é de uma idosa que se encontrava praticamente em estado vegetativo há anos, quando a equipe coloca os fones nos ouvidos nela e tocam a música que mais marcou sua vida, ela começa a se mexer como se estivesse dançando. Nós utilizamos de cenas como essas para nos inspirarmos e incentivarmos em nós a produção de algo parecido. Nossa ideia seria inserir no decorrer das entrevistas um músico, que tocaria a melodia da canção que mais marcou cada um. Mas essa ideia acabou sendo

engavetada, entre outras coisas, por não termos um músico disposto a estudar todas as canções no curto período de tempo que tínhamos para as gravações. Outro motivo pelo qual não estávamos nos mobilizando para articular essa encenação foi por estarmos inseguros quanto ao seguimento do tema musicoterapia, pois, nossos entrevistados falavam pouco sobre o assunto e quando buscávamos estimulá-los a falar, rapidamente eles mudavam o rumo da conversa. Com isso, mudamos a linha dos questionamentos direcionados para a entrevista, que foi marcada para acontecer no teatro da nossa universidade. Nós decidimos focar em perguntas que tratassem das particularidades de cada um. Na orientação seguinte, nosso orientador nos alertou que 8 a 10 personagens seria um número absurdo para darmos conta, no tempo de um semestre letivo. Sabendo disso tivemos que selecionar 5 integrantes do grupo que cumpriam nossos requerimentos prévios.

Mesmo com suas particularidades, uma parte dos entrevistados tinham um fator incomum, muitos deles foram acometidos por depressão. Com esse fato em mente nós buscamos arquitetar algumas questões congruentes para utilizarmos na entrevista, assim poderíamos ter vários pontos de vista de um assunto específico.

Tínhamos o intuito de entrevistar outro senhor, que reside em uma casa de apoio e estava em um estado de saúde grave. Chegando ao ponto de não poder se deslocar. Ele entraria como personagem extremamente debilitado, mas mesmo assim responde aos estímulos musicais (como a personagem de *Alive inside*, já citada). Virginia Coronago nos relatou que ele passava a recordar eventos de sua juventude quando escutava alguma música de sua época. Antes da canção ele não de fatos como o nome de parentes e eventos que ocorreram no período, após a música ele consiga rememorar os assuntos citados. Porém como o decorrer dos fatos e o tema inicialmente pensando ter se diluindo, na medida em que os personagens eram entrevistados decidimos tirar ele e a entrevista com a profissional de Eunápolis/BA.

### 3.2 Produção

Estabelecemos um cronograma de produção de acordo a quantidade de tempo que tínhamos disponível. No mês de junho continuaríamos observando as pessoas e a rotina do grupo, em julho filmaríamos o material e em agosto finalizaríamos o filme. Ainda no mês de junho a coordenadora do grupo Virginia Coronago nos propôs filmarmos a festa junina que eles promoveriam em um clube da cidade, aceitamos a proposta, e utilizamos dessa experiência para ser a nossa primeira filmagem em campo. No dia levamos as fotos impressas que tiramos deles no primeiro encontro, eles a receberam com muita satisfação. O ambiente estava bastante harmonioso e eles bastante felizes, algumas imagens foram captadas, caso revelasse momentos interessantes utilizaríamos de algumas cenas. Um dos pontos fortes desse encontro foi o fortalecimento da nossa relação com eles, que a cada novo encontro se tornava mais afetiva.

Com o início de julho começamos a planejar e filmar efetivamente os personagens. O nosso objetivo desde o princípio seria filmar as entrevistas em um teatro, por conta do controle de luz e áudio. Outro fator para essa decisão foi a utilização da câmera de vídeo. Além desse fato, a máquina possui apenas uma bateria para gravar (precisando assim de energia elétrica para permanecer operando), logo a necessidade por um ambiente interno se tornou cada vez mais necessário.

Eu (AJR) enquanto produtora do filme, busquei o empréstimo dos equipamentos que seria necessários para gravarmos, eles foram disponibilizados pelo curso de Cinema e Audiovisual. São eles: a câmera Sony XDCAM EX HD, três fresnéis de luz, um difusor de luz e uma extensão elétrica. Além dos microfones disponibilizados pelo nosso orientador, um Rode ntg3, um microfone Lapela e um gravador Zoom H2.

Reservei o teatro Glauber Rocha, que se encontra na própria UESB, o dia e o horário de gravação foram pensados e esquematizados na pré-produção. Perguntei a todos qual seria a melhor data e turno. Cada entrevistado foi agendado com meia hora de diferença. A equipe técnica se formou a partir da disponibilidade de alguns amigos do curso e no dia da

gravação alguns professores nos auxiliaram no manuseio dos equipamentos, como por exemplo, a câmera Sony XDCAM EX HD que nunca tínhamos tido contato.

Abaixo uma tabela definindo os nomes e as funções da equipe.

<b>Equipe</b>	<b>Função principal</b>	<b>Outras funções exercidas</b>
Ana Júlia Ribas	Direção e Produção	
Daniel Guerreiro	Direção de fotografia e Som	
Rafael Oliveira	Fotografia	Assistente de produção
Rayane Telles	Still	Assistente de fotografia
Raul Ribeiro	Assistente de produção	Assistente de fotografia

Tabela 1 – Funções e equipe técnica

Um novo pré-roteiro foi elaborado a partir das conversas que tivemos nas suas casas, esse agora serviria para as entrevistas no teatro. A todos foram feitas as mesmas perguntas e de acordo as particularidades de cada um – que descobrimos ao visitar suas casas – perguntas específicas foram elaboradas. Pensando sempre na montagem do filme, que foi pensada em blocos temáticos. As perguntas feitas a todos foram:

- *Nome*
- *Idade*
- *Você sofre ou já sofreu de alguma doença?*
- *Qual a importância do grupo “Vida Ativa” na sua vida?*
- *Qual sua relação com a música?*
- *Relação com religião/ Deus*
- *Como foi sua juventude*
- *Quer me contar uma história específica, que você ache interessante*
- *Relação com a morte/ medo da morte*

As entrevistas no teatro ocorreram de maneira satisfatória, ao fim delas nossos colegas que nos ajudaram no *set* de filmagem e que não os conheciam até o momento, ficaram impressionados com seus relatos de vida. Todos os entrevistados elogiaram e agradeceram a coordenação de Virginia Coronago, além de relatarem as fortes relações de amizades presentes no grupo. Mas outro fato também ficou mais claro, nas suas falas o grupo é em sua excelência um ponto de encontro que eles frequentam para interagir e se divertir. Todos frequentam outros encontros relacionados a terceira idade, mas escolhemos o *Vida Ativa* para ser o recorte da nossa pesquisa. Outro fator primordial e que nos fez mudar a proposta do filme radicalmente, já que até esse momento ainda tentaríamos montar o filme tendo a musicoterapia como ponto central, foi o fato deles contarem suas histórias e essas terem uma beleza singular. Cada qual carrega em si uma individualidade e particularidade que nos toca.

O único ponto negativo foram os atrasos que acabaram ocorrendo por conta da montagem do *set* e das pausas que tínhamos que fazer para podermos descarregar as imagens da câmera. Em alguns momentos também, as luzes dos fresnéis apagaram, prejudicando assim a fotografia. Os entrevistados chegavam pontualmente nos horários definidos – assim ficaram esperando a sua vez de serem chamados – essa foi uma situação desconfortável para nós enquanto equipe, mas os entrevistados esperavam pacientemente. A primeira personagem, por exemplo, chegou à universidade em um turno oposto para não se atrasar para entrevista. O correto teria sido marcar dois dias de filmagem, mais as dificuldades de solicitar os equipamentos novamente e transportá-los para o local de gravação seria inviável, além da pauta do teatro e da disponibilidade dos nossos colegas convidados. Assim concluímos essa que seria a parte mais importante do filme, já que nosso intuito sempre foi dar voz a eles.

As imagens de *inserts* seriam feitas nas casas, o objetivo delas seriam para dar fluidez ao filme, servindo como momento de respiro em meio às falas. Fizeram-se mais necessárias ainda por conta da singularidade que cada personagem apresenta. Assim essas imagens mostrariam os seus talentos e os objetos pessoais que ilustrariam as suas histórias. Marcamos as

datas com cada um. Abaixo uma tabela com o cronograma dos horários de todas as filmagens e os locais que foram realizadas:

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Horário</b>
14/06/2016	Clube AABB	16:00 às 18:00
13/07/2016	Teatro Glauber Rocha	14:00 às 18:00
20/07/2016	Casa da entrevistada Ieda Gomes	8:00 às 10:00
20/07/2016	Casa da entrevistada Ruth de Oliveira	18:00 às 20:00
25/07/2016	Casa dos entrevistados Maria dos Santos e Antônio da Silva	11:00 às 14:00
25/07/2016	Casa do entrevistado Sérgio Fonseca	15:00 às 17:00
29/07/2016	Casa do entrevistado Sérgio Fonseca	14:30 às 15:30

Tabela 2 – Cronograma dos horários e datas de filmagens

Apenas uma entrevistada não foi filmada em casa, a senhora Marly Barbosa, telefonamos várias vezes para tentar marcar a filmagem em sua casa, mas nenhuma tentativa obteve sucesso. Assim decidimos por não fazer a gravação na casa dela, pelo fato de não termos conseguido marcar uma data e horário com esta senhora e por conta do tempo que já estava começando a ficar escasso. Seguir o cronograma determinado sempre se fez primordial para o nosso trabalho, buscando assim não atrasar o resultado final.

### **3.3 Direção**

A direção no cinema exerce a função que um regente opera numa peça musical. O seu esforço não funciona sem a sua equipe, o cinema por excelência é coletivo. No caso do nosso filme tínhamos uma equipe de apoio

para as gravações feitas no teatro, porém nos outros dias de filmagem éramos só nós, eu (AJR e Daniel Guerreiro), para dar conta de todo o processo.

Quando decidimos fazer um documentário – o primeiro média-metragem da nossa carreira – a inexperiência não nos deixou pensar que o filme poderia mudar de rumo. Isso foi um grande choque para mim (AJR) que assumi a direção da obra, vê-la mudar de rumo e eu sem saber o que fazer. Só consegui reestruturar as ideias, depois de conversas com meu orientador e com outros colegas que também estavam realizando filmes em documentário, um desses companheiros passou por uma experiência parecida. O que eu pensava era que eu não conseguiria dirigir eles no teatro, eles falavam da música enquanto terapia mais não da forma que eu imaginei, não da forma que daria para realizar a montagem que estávamos pensando, quando começamos a estruturar a obra.

A música a meu ver atua neles de forma subjetiva, já que em suas falas o ato de ir ao grupo e interagir com as pessoas e com a música fez sentirem-se bem. Os seres humanos funcionam melhor em seus pares, o grupo *Vida Ativa* foi definido pela maioria dos entrevistados – nas entrevistas realizadas em sua casa – como um momento de encontro onde ocorria uma espécie de relação familiar entre os seus membros. Com isso acabaram por ultrapassar os encontros semanais vindo a realizar atividades externas como: reuniões, passeios, almoços.

Isso é muito enriquecedor, e para mim (AJR) um dos fatores que me fizeram pensar que eu não conseguiria direcionar as falas deles no teatro, na minha mente o diálogo acabaria ali – na felicidade deles frequentarem os encontros – e eles não discorriam mais sobre outros assuntos. Fiz o roteiro das perguntas destinadas a todos e algumas direcionais. Mas foi no momento das entrevistas que percebi que eu só as usaria, caso os assuntos morressem e não falassem mais nada. Ainda assim algumas perguntas não funcionavam e eu busquei conduzir de acordo as falas deles.

Dirigir as entrevistas no teatro partiu do exercício de escuta e tentativas. Falhei enquanto escuta muitas vezes, pois não dava o tempo de respiro necessário para introduzir outra pergunta, percebi ao rever as imagens o quão necessário é o silêncio, às vezes ele diz mais do que as

próprias palavras. Duas coisas que meu orientador disse que frisaram minha mente o tempo todo: entrevistar é uma espécie de sedução, você procura conduzir o personagem para ele falar o que você deseja e não tenha medo de fazer perguntas de criança. Por mais óbvio que seja a resposta não deixe de perguntar ou indagar coisas como: por que, não sei, nunca vi. Acabaram por ser dicas preciosas para a direção do filme.

Cada personagem me surpreendeu, pois agiram de uma forma que eu não esperava e isso enriqueceu muito o trabalho. Citarei cada um e o que eu pensava e como se portaram:

A Sr.<sup>a</sup> Ieda Gomes é uma mulher que deixou de ser freira depois de 30 anos filiada à vida religiosa, deixando a congregação para trabalhar no Tribunal de justiça. Sempre pensando no próximo, dedicou a vida inteira aos outros. Ela é que possui personalidade mais séria entre as entrevistadas, mas no decorrer das entrevistas foi se soltando de uma maneira que eu não esperava. Discorreu sua vida, seus traumas, suas vitórias e frustrações. Ela foi a primeira entrevistada, logo, a que eu estava insegura. Meu orientador que estava presente lançou algumas perguntas e assim eu fui percebendo cada vez mais como conduzi-la. Ao fim da fala ela discorre sobre a percepção que os anos de vida lhe deram e disso analisou que, só agora depois de tudo que havia passado, ela pode compreender e aprender o amor próprio. Isso pra mim foi muito significativo, era o ponto máximo dela que eu me realizei em ter chegado.

O Sr. Sérgio Fonseca foi o entrevistado que tive mais receio de entrevistar, pois é um homem que possui um vasto conhecimento acadêmico, reafirmada por uma sabedoria primorosa, coleciona experiências e histórias extraordinárias. Meu medo era de falar algo sem nexos, além do fato dele ser muito objetivo, respondendo e se calando com a mesma velocidade.

Mas ele fez o oposto, depois que dei o sinal de gravando, ele falou toda a sua vida, pausadamente e resumidamente. Eu pude relaxar e perguntei algumas coisas. Ele um jornalista aposentado, já com experiência em locução foi a primeira opção de voz *off* do filme, já com isso em mente pedi pra ele me enviar uma crônica (ANEXO A) de sua autoria, pra melhor visualizar e interagir com seus escritos. Ele me enviou o que chama de "Kroniketa" e ela me serviu como base de algumas perguntas também. Pedi a ele também para

usar a mesma roupa no dia em que fossemos gravar as imagens de *insert* na sua casa, para dar uma ideia de continuidade. Combinei com ele de enviar um texto com a narração que pretendíamos.

A Sr.<sup>a</sup> Marly Barbosa é uma mulher muito tímida, achei que conseguiria fazer ela se soltar um pouco mais para a conversa ter um andamento mais interessante. Mas não consegui, ela basicamente só afirmava ou negava o que eu perguntava e disse poucas coisas sobre sua vida pessoal. O forte dela é o canto. Possui um CD gravado e nele contém uma música de sua autoria, o ato dela cantar foi um momento extremamente poético. Ela me presenteou com o seu CD, pedi que ela repetisse o ato em frente às câmeras e ela – de personalidade tímida – pareceu a mim uma atriz antes de subir no palco, com frio na barriga e quase esquecendo a fala. Mas foi muito bonito receber e registrar esse momento em frente às câmeras. Um registro que guardarei com muito carinho.

O casal Sr. Antônio da Silva e a Sr.<sup>a</sup> Maria dos Santos são pessoas extremamente risonhas e descontraídas. Na gravação apesar deles estarem a vontade, não consegui sentir a energia forte e cativante que vi enquanto estava na casa deles. Apesar do Sr. Antônio ser engraçado e risonho, em boa parte das entrevistas o clima ficou meio triste, talvez pelas poesias que ele foi lendo que em sua maioria tinham um teor dramático. Ele é o galanteador e a Sr.<sup>a</sup> Maria a inspiração de seus galanteios. Eles eram os personagens que eu mais esperava, pois eu presenciei momentos que me emocionaram bastante, a exemplo disso, o fato de a esposa não saber ler. E ele em suas demonstrações de afeto presentear a ela com livros, contendo dedicatórias românticas. Eu li uma dessas dedicatórias e foi a primeira vez que ela ouviu aquelas palavras, ela diz sonhar aprender ler só pra ler o que ele escreve pra ela. Na gravação eu tentei conduzir eles para dizer coisas parecidas com as ditas na casa, mais não funcionou e a partir de um momento eu os deixei discorrer suas histórias, foi aí que eu percebi que eles são espíritos livres e que eu não deveria direcionar.

A Sr.<sup>a</sup> Ruth de Oliveira chegando ao teatro me impactou, pois trouxe consigo um amigo e pediu para que ele participasse das gravações. O Sr. Walter um senhor que não enxerga e escuta bem. O choque de eu não saber que ela traria alguém e a sua deficiência auditiva me impediram de fazer

perguntas a ele, e isso acabou sendo algo do qual me arrependi após as filmagens. Pois poderia vir dele histórias interessantes que poderiam complementar a fala de Ruth de Oliveira. Ela parecia estar encenado, não a sua história que ela já havia me relatado, ela agiu como se estivesse representando a si própria em um personagem dentro de um filme, o seu tom de voz, a sua postura, fizeram com que eu (AJR) tivesse essa sensação. Na casa dela ela me apresentou com uma boneca feita a mão por ela, no teatro pedi para ela me dar novamente em frente às câmeras, ela agiu com tanta naturalidade que não parecia que foi combinado.

Nas casas a escolha foi de captar a atmosfera de cada lar, e dos objetos tão particulares que cada uma possuía. Ieda Gomes com suas fotos, Sergio Fonseca com seus livros raros – além do mais ao chegar lá descobri fotos incrivelmente belas – que serão usadas na montagem; a casa de Antônio da Silva e Maria dos Santos que parece um laboratório, por conta da quantidade de garrafas colecionadas e outros objetos como xícaras e enfeites que fazem você se sentir no túnel do tempo. O lar de Ruth de Oliveira de todos é o mais enigmático ele possui uma mistura de enfeites natalinos, coelhinhos de pelúcia para representar a páscoa e coisas do tipo: um banheiro só para bonecas. Ela faz parecer que a casa e suas dezenas de artesanato têm vida própria, e os objetos parecem deixar de ser inanimados.

A última filmagem que fizemos foi na casa de Sr. Sérgio. Retornamos ao seu lar com o intuito de gravar ele lendo uma de suas crônicas.

Antes de irmos eu (AJR) liguei para ele pedindo que escrevesse uma crônica que pudesse sistematizar o grupo, as convivências, o que ele tinha a dizer sobre assuntos como: o sagrado, a vida, a morte. Discorrendo os temas com uma linguagem mais poética, mais sentimental.

Mudando assim o plano inicial, que seria nós escrevermos o texto de locução. Ele disse que escreveria e no outro dia me enviou a crônica por e-mail, só que não possuía a linguagem mais sentimentalista que eu pretendia, possuía na verdade uma linguagem mais jornalística, descritiva.

Mesmo assim o gravamos lendo a crônica, e após a gravação busquei que ele falasse do sentido das coisas, do sentido da vida de maneira mais livre e menos narrativa. Ele recontou a sua história dizendo que assim poderia conectar e situar a sua fala, por fim exclamou seu desejo de dizer algo calçou

a sua vida, e disse uma fala que Edward Bach falou certa feita em uma entrevista: “Que na nossa vida você não precisa fazer atos heroicos, mas sim você tem que procurar fazer o bem, não sacanear ninguém e procurar ao morrer deixar o mundo um pouquinho melhor graças aos seus esforços...”. Penso em terminar o filme com essas palavras.

### 3.4 Fotografia e som direto

No dia da filmagem no teatro optamos por usar a DSLR T5i da Canon como câmera para *inserts*, e a principal seria a filmadora Sony XDCAM EX HD, por se tratar de uma filmagem dentro da universidade, nós conseguimos todos os devidos equipamentos para a realização. Na DSLR o *preset* – que é a predefinição para a qual a câmera estava disposta a gravar –, era para uma paleta de cores quentes. Diferente da configuração prévia que optamos na XDCAM que foi uma imagem mais neutra. Observando isso, já prevíamos ter que equilibrar as cores na pós-produção, pois mesmo que tentássemos igualar as cores, por se tratarem de duas câmeras totalmente diferentes em questão de arquitetura e lente, decidimos que o ideal era levar isso para ser resolvida na pós. A fotografia da DSLR desse dia ficou por conta do nosso colega convidado Rafael Oliveira, e a XDCAM ficou a meu encargo (DG), por nunca ter tido acesso a essa câmera anteriormente durante o curso, fui ajudado por um dos professores o Márcio Venâncio que me ensinou o básico na hora da gravação.

Optamos gravar no teatro por conta dele acolher uma melhor condição acústica. E pensando na imagem, o fundo preto foi o que tínhamos a nosso dispor, a nosso ver seria possível uma boa estética de imagem com tal fundo. Usamos um esquema de iluminação simples, com 3 refletores, 2 de 500 Watts e um de 1000. A marcação foi feita na medida do possível para o que tínhamos, e contamos com a ajuda de um profissional para posicionar os refletores, Renato Fernandes. A imagem a seguir, ilustra melhor a localização de cada ponto.

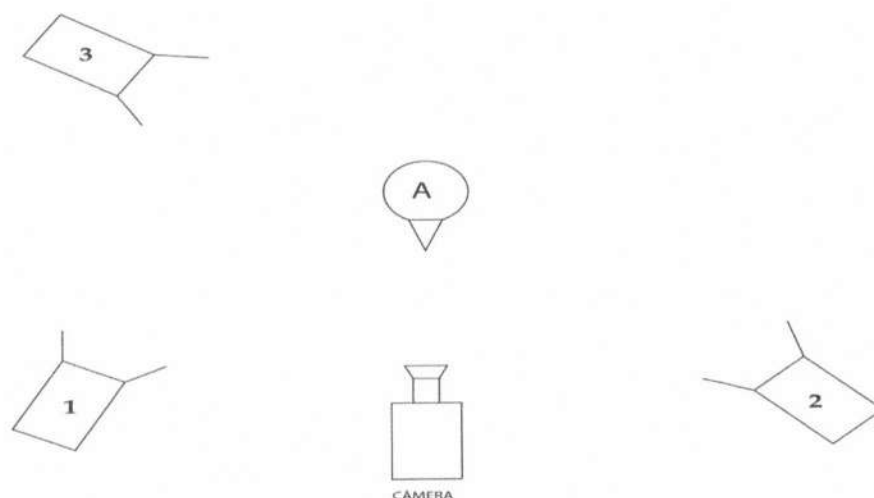


Figura 2 ilustração Daniel Guerreiro

Como podemos observar, a luz numero 1 e 2 eram direcionadas diretamente ao entrevistado. Para que não ficasse muito gritante o resultado de uma luz dura, usamos o difusor no refletor 2 para suavizar a luz e refletor numero 1 em parceria com o 3 seriam responsáveis por quebrar alguma possível sombra que por ventura vazaria durante a filmagem. Lembrando que por serem refletores com menor intensidade, nesse caso não foi preciso um difusor nos dois restantes.

Usamos a DSLR para gravar imagens nas casas de cada um dos idosos, para que pudéssemos usar como transições e elementos narrativos no seguimento do filme. Nesse momento captamos aquilo que se mostrava mais relevante para cada um em seus lares, só tínhamos a disposição das nossas necessidades uma lente 50 mm que possui uma distância focal muito sensível. Logo conseguir gravar as imagens sem perder o foco, monitorando na tela da própria câmera que é de apenas 3 polegadas é quase impossível. A imagem que a lente em questão captura é muito próxima em comparação a outra lente que tínhamos a nosso dispor, porém por conta da maioria dos *inserts* serem dentro das casas e não contarmos com luz de apoio, tivemos que optar pela 50mm com suas limitações de distância. Por conta disso a maior parte dos planos nas casas são planos detalhe. Outra dificuldade foi manter as imagens estáveis, pois essa lente por ser sensível também reproduz qualquer mínima instabilidade, causando na imagem final um aspecto tremido e nós não tínhamos um tripé disponível no dia dos *inserts*.

Quanto ao esquema de som do teatro, nós contamos com um microfone lapela que na maioria das entrevistas seria usado por (AJR) que ficou responsável por fazer as perguntas. E outro microfone de modelo *shotgun* que ficaria em um suporte para captar o som do entrevistado. E esses dois sistemas estavam acoplados na XDCAM que era o meio pelo qual eu (DG) teria o controle de ganho de volume caso a voz de algum dos personagens fosse mais intensa ou menos intensa que o normal. O esquema foi montado com a ajuda do nosso orientador que também é técnico de som, Glauber Lacerda.

Em casos especiais como dos personagens Sr. Antônio dos Santos e Sr<sup>a</sup>. Maria da Silva que os dois seriam entrevistados ao mesmo tempo, nós colocamos o lapela na Sr<sup>a</sup>. Maria e direcionamos o *shotgun* para Sr. Antônio, enquanto a autora das perguntas ficasse com um gravador de mão. Pois se necessário usaríamos o áudio do gravador para sincronizar no filme na hora da montagem, isso se fosse necessário aparecer à voz dela (AJR) perguntando, o gravador serviria para captar a voz dela de maneira legível.

Quando gravamos as visitas nas casas nos foi sugerido que não seria preciso usar microfone, para captar som direto, e acabamos usando alguns áudios da própria câmera, pois em casa alguns personagens tiveram uma maior desenvoltura, provavelmente por estarem no conforto de suas casas, e nós sentimos a necessidade de usar essas imagens na montagem. Isso provavelmente não causará estranhamento no espectador porque diferente dos outros gêneros que geralmente tem um padrão de estética já estabelecida, o documentário tem isso de forma flexível. Por exemplo: quando uma ficção se propõe a filmar só com a câmera de um celular, geralmente esse será o padrão estético pelo resto do filme. E se a ficção for estruturada nos padrões de imagem e som de alta qualidade, provavelmente não haverá nenhuma cena nesse produto que fugirá de algum desses padrões sem causar estranhamento.

O estranhamento de uma mudança de qualidade de imagem ou áudio em um documentário passa sem prejudicar a experiência do espectador.

### 3.5 Edição e montagem

Ao concluir as gravações percebemos que possuíamos uma grande quantidade de arquivos de vídeo. O nosso orientador nos incentivou a fazer as transcrições das falas do teatro, tarefa um pouco cansativa já que em sua maioria as conversas passaram de trinta minutos. O seu intuito com isso era fazer com que nos ficássemos mais íntimos das falas dos personagens. Convidamos um dos colegas que nos ajudou no *set* de filmagem para podermos adiantar o máximo possível o trabalho. Nós (AJR e DG) transcrevemos duas entrevistas, enquanto o Raul Ribeiro transcreveu uma. No processo de ouvir todas as falas novamente já pensamos em como costurariamos o filme.

O primeiro esquema de montagem que pensei do filme foi monta-lo em blocos, com sequências temáticas. O primeiro bloco seria: as entrevistas no teatro; O segundo bloco: os idosos do grupo ouvindo palestras ministradas por Virginia Coronago sobre qualidade de vida na terceira idade; O terceiro bloco: o senhor do albergue indicado por Virginia Coronago; O quarto e último bloco: a entrevista com a profissional de Eunápolis/BA. Esse roteiro pensando ainda na pré-produção se desestruturou no desenrolar do processo.

O nosso orientador indicou, lermos roteiros de montagem de filmes e assisti-los em sequência para melhor compreendermos como se escreve um roteiro de montagem. Na busca por filmes, encontrei (AJR) uma biblioteca de roteiros online<sup>2</sup> que possui uma seção só para documentários, alguns já gravados e outros que ainda não tinham sido rodados. O filme *Ventre Livre* da diretora Ana Luiza Azevedo ajudou a me fazer compreender o processo de montagem, paralelo a isso assistia as imagens feitas por nós, e revia filmes como *Santiago* do diretor João Moreira Salles; *Jogo de Cena* e *O fim e o princípio* ambos do diretor Eduardo Coutinho; *Elena* da diretora Petra Costa.

Mesmo com essa filmografia rica em ideias – consistindo em verdadeiras aulas de documentário, principalmente para nós que estamos aprendendo na prática a fazer um filme – a dificuldade em fazer o roteiro de montagem perdurava. Fiz as anotações e vários questionamentos me

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros.htm>

inquietavam. Nas discussões sobre o processo, nós nos deparamos com questionamentos como: que terceira idade eu quero ter? Quem eu serei depois de passar os meus vinte e pouco anos?

Esses questionamentos provocaram certa perplexidade. Decidimos que seguiríamos a montagem estilo Eduardo Coutinho, onde os personagens são apresentados e finalizados no mesmo corte. O diretor do filme *Santiago* teve dificuldade de montar sua obra e o filme ficou engavetado por muitos anos, por conta disso, analisei principalmente como ele conseguiu fazer a montagem mesmo após os anos que haviam se passado. As reflexões sobre a proposta do documentário e como ele chegaria a seu corte final, perdurou alguns dias. Percebi que o documentário seria um processo de autoconhecimento, as falas dos personagens iriam sendo inseridas de acordo os seus – e, de certa forma – os meus anseios e alívios. E eu (AJR) situaria o espectador com minhas falas, decidindo assim por não mais por o nosso personagem Sérgio Fonseca como locutor.

A montagem busca ir apresentado à ânsia e o alívio, a escolha pela sequência de ter sido trabalhada nenhuma trilha sonora. Os momentos de música surgem quando eles cantam e a sonoridade disso me deixou extremamente feliz, pela espontaneidade que ocorreram. A voz e o silêncio deles diz o filme, e escrevem-no. O silêncio por vezes pode incomodar e por vezes vem a trazer paz, cabe à vivência de cada espectador sentir um dos dois sentimentos. O mesmo se relaciona ao início do filme, cujo primeiro minuto transcorre em *black* o intuito seria direcionar o público para reflexão do sentimento de agonia que a voz *off* discorre. Várias imagens que representassem o sentido de sufocamento e angústia foram pensadas, mas o escuro acabou por ser o mais representativo para o sentido que se pretendeu explicitar.

Nosso documentário não possui visualmente nada incomum, a riqueza dele surge nas suas histórias, muitas dessas tiveram que ser retiradas por conta do tamanho do filme, que desde o principio se configurou como um média-metragem. Um primeiro corte foi feito dando em média com os créditos finais trinta minutos, o nosso orientador nos sugeriu enxugar um pouco mais a obra e repensar o final que havia sido montado, a sequência final termina de

forma mais cômica e suave, a sequência anterior terminaria de maneira mais melancólica.

A última etapa da edição foi a realização do processo de colorização, a necessidade surgiu por conta da imagem da câmera Sony XDCAM EX HD ter sido gravada com *preset* neutro e o codec H264, possui baixa qualidade de imagem, para pós-produção. Associando ao fato de termos pouca iluminação as imagens ficaram ruidosas e bastante destoantes dos *inserts* utilizados pela DSLR T5i, e isso tornou o filme esteticamente desequilibrado. Abaixo as imagens do antes e depois do tratamento de cor:

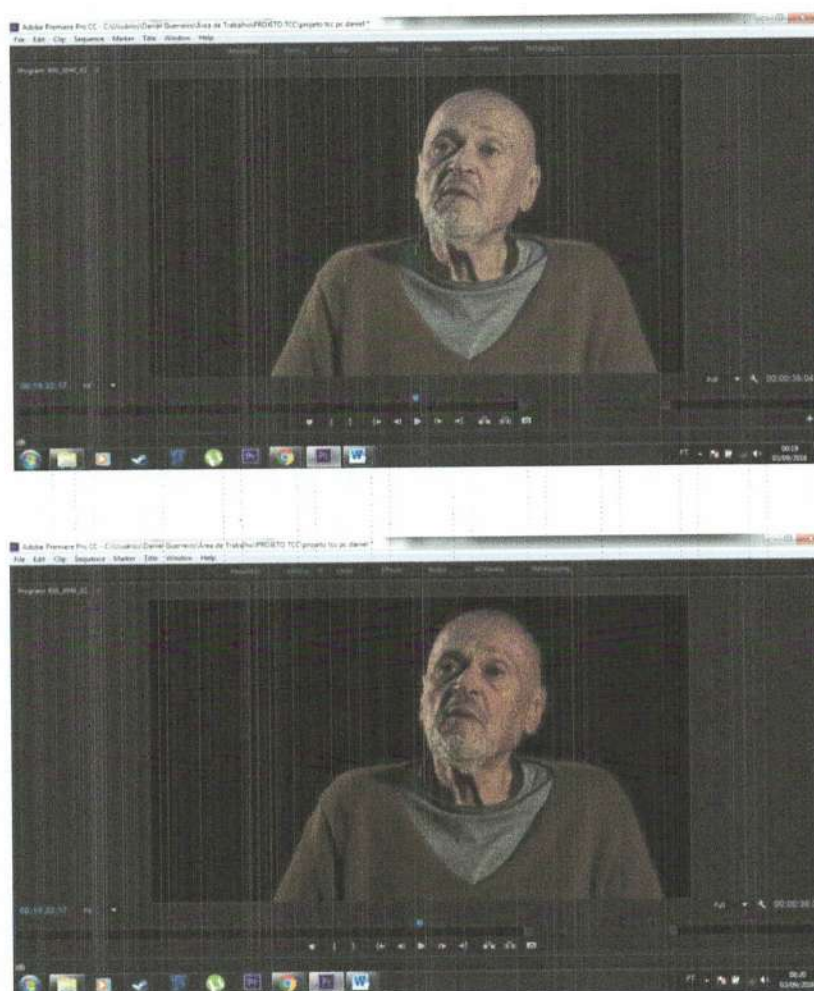


Figura 3 Tratamento de cor

De todo o percurso do filme, o que mais sentimos dificuldade foi na montagem. Fatores como a grande quantidade de arquivos, a escolha das narrativas, o sentido que pretendíamos atribuir ao conjunto de imagens e o

envolvimento sentimental que criei (AJR) com os personagens, tornaram esta etapa particularmente desafiadora. Desde a infância, um sentimento de “possuir um corpo jovem com alma velha” me atravessa. E eles, os entrevistados, são o avesso disso: pessoas idosas que, mesmo após vivenciarem vicissitudes em suas histórias, carregam uma vitalidade e juventude que me escapam. Cada vez que via as imagens, eu tinha a mesma sensação. Ao final do processo, eu agradei por esse sentimento, pois aos poucos foi deixando de ser impactante ao ponto de me paralisar e passou a ser impactante ao ponto de me motivar a prosseguir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme partiu primeiramente pelo desejo que eu (AJR) possuo de curar uma melancolia que carrego em mim a muito anos. O meu parceiro de equipe (DG) se interessava na mesma medida pelo tema que envolvia idosos e música e isso me deu o suporte técnico e criativo necessário.

Sempre tive uma forte relação com a música e sempre soube dos seus benefícios, empiricamente falando, já que não possuía nenhum estudo específico sobre o tema. Ao descobrir o grupo de Cantoterapia a felicidade de saber que poderia unir duas paixões: o cinema e a música me tomaram.

Outro fator que plasmou a minha vida foi a eterna busca pelo ouvir, o ato de ouvir pessoas idosas sempre foi encantador e enriquecedor para mim, escutar seres humano que viveram mais tempo de vida e que nasceram e cresceram em um período cronológico diferente do meu, tornou o grupo *Vida Ativa* perfeito para a minha pesquisa e produção documental.

Os idosos do grupo são simpáticos e acolhedores, cada um a sua maneira. Ao selecionar os personagens e passar a entrar em contato com eles, para melhor compreender suas vidas, fizemos com que laços de amizade fossem criados. O que eu percebi de mais latente foi a forma que eles me receberam em suas casas, a maioria deles não recebe visitas e quando recebem são em raros momentos. O ato de ir até lá e adentrar em seus lares foi imensamente satisfatório, havia ali um ritual de acolhimento, desde a espera à nossa chegada, que eles sempre esperavam pontualidade. Eles vibravam quando chegávamos na hora marcada, e alguns – quando algum atraso ocorria – questionavam se tínhamos errado o caminho ou algo tinha acontecido. Fomos incentivados a irmos quando quisemos em seus lares para visitas, no caso do Sr. Sérgio Fonseca, por exemplo, ganhamos passe livre para frequentar e nos deliciarmos com seus livros, tão diversos e interessantes.

Até o momento alguns deles nos convidam para almoçar no fim de semana, telefonam perguntando como anda a vida, nos mandam vídeos de reportagens que viram na TV sobre qualidade de vida na terceira idade, com a finalidade de colaborar com nossa pesquisa.

Em cada fim de entrevista eu os abraçava ou apertava suas mãos e naquele momento eu sentia uma imensa paz e uma sensação de missão cumprida. Afinal eu ir espalhar a voz deles por onde eu reproduzisse a obra, e outras pessoas poderiam conhecer e sentir um pouco das suas energias tão vibrantes e positivas.

## REFERÊNCIAS

BARANOW, A.L.V. **Musicoterapia uma visão geral**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARROS, R.D.B. **Saúde e Loucura grupos e coletivos**. São Paulo: Hucitec, 1994.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CORONAGO, V. M. M. O; AZEVEDO, R. C. de O. **“Papagaio veio não aprende a fala!”: um ensaio polifônico sobre os significados das vivências musicais em grupos de idosos portadores da doença de Parkinson**. São Paulo, SP, 2009. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação dentro do documentário**. Rio de Janeiro: Azouge, 2004.

ELISABETH, R.L. **Cuidar de pessoas e músicas, uma visão multiprofissional**. São Paulo: Yendis, 2009.

LINS, Consuelo. **O som no cinema**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PIAZETTA, C. M. de F. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**. Curitiba v.1, p.1-141, 2010.

RUUD, Even. **Música e Saúde**. Trad. V. B. Wrobel; G. P. Camargo; M. Goldfeder. São Paulo: Summos, 1991.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio uma anatomia da depressão**. Trad. M. Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O que é cantoterapia e musicoterapia. Disponível em: <http://www.studiomel.com>. Acesso em 01 de outubro de 2016 às 22:10 hrs.

Roteiros de cinema. Biblioteca de roteiros online. Disponível em: <http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros.htm>. Acesso em 18 de agosto de 2016 às 17:00 hrs.

Super Interessante. Medicina Alternativa. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/medicina-alternativa>. Acesso em 15 de abril de 2016 às 01:18 hrs.

## ANEXOS

ANEXO A: Crônica do Sr. Sérgio Fonseca, enviando por e-mail no dia 27 de julho de 2016.

### Quem canta e dança seus males espanta

Em Vitória da Conquista, no ano passado, o Grupo de Cantoterapia Vidativa completou dez anos. Esse grupo da 3ª. Idade faz parte do Projeto – Música: Linguagem da Emoção, da Pró-reitoria de Extensão- PROEX, da UESB- Universidade Estadual do Oeste da Bahia. Desde o seu início tem sido administrado pela Profa. Dra. Virgínia Mendes Oliveira. No fim de 2015, alegando problemas de verbas, a UESB cancelou esse projeto, não mais cedendo a sala destinada aos ensaios e demitindo o organista que animava as reuniões desse grupo. A média da frequência era de cerca de 40 participantes por reunião.

Inconformados com essa atitude, os próprios participantes conseguiram a cessão gratuita de uma sala, uma vez por semana, no Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima. Todos os participantes se cotizaram para pagar, mensalmente, o salário do organista. E o programa vem se perpetuando, sem perda de participantes.

Ao longo desses anos, as vivências musicais se desenvolveram com os seguintes objetivos: a) promover o resgate sociocultural de cantos e danças ameaçados de caírem em desuso; b) a autoestima pelo desenvolvimento de cantos e danças; c) a integração/participação através do contato amiado e participativo ao longo dos anos que acabou transformando o Grupo Vidativa numa grande família, inclusive com encontros externos, passeios, reuniões, além das sessões musicais.

Ao longo do tempo, ocorreu a sensibilização de vários participantes para as delícias da música e da dança na 3ª. Idade. Para alguns deles, tanto a música como a dança tem servido de equilíbrio emocional.

O Grupo Vidativa tem feito, inclusive, apresentações públicas para a socialização, tanto em Vitória da Conquista como em outras localidades vizinhas. Ainda muito importante é o resgate de canções e brincadeiras “do tempo da vovó”, notadamente cantigas de roda, quase esquecidas hoje em dia.

No Grupo, predominam as mulheres (cerca de 80%) e elas são unânimes em achar que cantar, para elas, tem sido uma terapia. Além de melhorar o astral, cantar é um eficiente exercício para quem precisa espantar a angústia, a ansiedade e a timidez.

A cantoterapia é uma técnica que usa o canto para aliviar o estresse. Especialistas garantem que a prática faz a pessoa se conhecer melhor. Vale tudo: cantarolar com os amigos, cantar sozinho, no chuveiro ou no caminho para casa.

No Grupo Vidativa, há participantes de todos os credos e das mais diversas classes sociais e orientações religiosas, todos convivendo harmoniosamente. Para muitos, a frequência ao Grupo ajudou a quebrar sua solidão, trouxe novas amizades e novos interesses, mostrando que a 3ª. Idade, através da música e da dança pode ser muito divertida e uma fonte de prazer constante.

Platão (429 A.C.- 347 A.C.) em "A República" preconiza que a educação dos jovens comece na infância, somente com música e ginástica. "A ginástica porque preside ao crescimento e decadência do corpo". A música, "pela influência do hábito, pela harmonia, tornando-os harmoniosos, pelo ritmo, tornando-os rítmicos" e a função da música, segundo Platão é desenvolver as sensibilidades estéticas e morais.

O filósofo francês Jean Jacques Rousseau (1671-1778) ao ingressar na 3ª. Idade, definiu felicidade como "um bom saldo bancário, uma boa cozinheira e uma boa digestão" Este cronista acrescentaria hoje, na lista de Rousseau, a participação em um Grupo da 3ª. Idade, dinâmico, entusiasmado e harmonioso, como é o Grupo Vidativa.

**FILMOGRAFIA**

João Moreira Sales – **Santiago** – Brasil, 2009.

Eduardo Coutinho – **Moscou** – Brasil, 2009.

Eduardo Coutinho – **O fim e o princípio** – Brasil, 2006.

Eduardo Coutinho – **Jogo de cena** – Brasil, 2007.

Michael Rossato-Bennett – **Alive inside** – Estados Unidos, 2014.

Petra Costa – **Elena** – Brasil, 2012.

Ana Luiza Azevedo – **Ventre Livre** – Brasil, 1994.